

Entrevista ao Presidente da SPQ

– Sendo sabido que a aceitação de cargos em Sociedades do tipo da SPQ acarreta um imenso trabalho, e nenhuma recompensa em termos da carreira científica, o que o levou a aceitar presidir à SPQ?

A vida não se move apenas pela busca de recompensas imediatas! O sonho é o móbil principal da acção humana e a SPQ poderá contribuir para a realização de alguns dos nossos sonhos de melhoria da sociedade a que pertencemos. A comunidade de químicos portugueses tem uma grande importância no panorama nacional pela sua dimensão e pela intervenção dos seus membros na nossa vida económica e na vida pública, em geral. Temos, infelizmente de reconhecer que a presença dos químicos na nossa sociedade fica ainda aquém do desejável, um problema geral de omissão de uma componente científica na nossa vida social. Depois, é uma grande honra presidir à SPQ numa linha de presenças anteriores que desde o Prof. Ferreira da Silva, seu fundador, nos criam grande responsabilidade.

– A SPQ é um organismo de utilidade pública, e nessa condição é suposta cumprir uma missão social relevante. Qual é no seu entender essa missão?

A missão da SPQ é claramente a defesa da Química enquanto actividade profissional através de acções em favor da melhoria da qualidade do seu exercício na indústria, nos serviços e particularmente a todos os níveis do ensino e na investigação. É com este objectivo que a SPQ desenvolve uma actividade editorial importante, tem intervenções na formação em exercício dos profissionais e acompanha a formação dos nossos jovens escolares com iniciativas desde a organização das Olimpíadas da Química até ao acompanhamento das políticas do Ministério da Educação.

– O presidente tem um papel importante no relacionamento entre a SPQ e as congéneres europeias e mundiais.



Pode a SPQ vir a ter alguma voz neste mundo complexo, onde o prestígio científico passa muitas vezes pelo poder económico? Qual vai ser a estratégia da SPQ?

Estamos num momento muito interessante da cena europeia no que toca ao relacionamento entre as sociedades nacionais de Química e da sua intervenção pública. Há iniciativas importantes de relacionamento entre a indústria e as escolas, de acompanhamento das políticas da União Europeia e de presença da Química na opinião pública. Nos últimos anos iniciou-se uma transformação ainda em marcha do conjunto de revistas científicas europeias de Química e há planos para o lançamento de um grande congresso, possivelmente biennial. Todas estas iniciativas estão já a dar uma nova imagem da Química europeia o que tudo indica irá ser consolidado no futuro próximo. A SPQ tem tido nos últimos anos uma participação discreta mas muito determinada e bem sucedida nestas movimentações europeias, sendo co-proprietária de várias revistas com grande sucesso científico e algum sucesso comercial.

– Apesar de todos os méritos e do seu dinamismo a SPQ não é ainda um organismo com uma intervenção relevante junto aos órgãos de informação e ao público em geral. De que forma

poderia a SPQ tornar-se um centro de esclarecimento científico aceite pelo grande público, nomeadamente em assuntos de elevado impacto ambiental ou político?

Há várias ideias nesta matéria. Para além do reforço do nosso periódico de informação geral QUÍMICA que tem tido nos últimos anos uma muito boa qualidade, a intervenção atempada nos problemas de interesse público generalizado poderia fazer-se com a manutenção de um portal na "Internet" onde os químicos portugueses encontrassem resposta para as questões químicas que com frequência crescente vão surgindo nos "media". A criação de um fórum de discussão é outro veículo de intervenção e de presença na comunidade que está pensado. Esperamos dar alguns passos neste sentido mas a SPQ está bem consciente das suas limitações em meios humanos e financeiros. Há voluntários para o lançamento de algumas iniciativas mas temos de ser comedidos no que pedimos aos nossos sócios em voluntariado.

– Qual a sua opinião sobre o controlo da informação/divulgação científica, em temas de interesse nacional? Será que este tema tem de algum modo a ver com a missão da SPQ?

A SPQ tem já alguma intervenção nestas áreas. A sua consolidação depende de

sabermos aproveitar as oportunidades que surgem e, especialmente, as que são oferecidas pelas novas tecnologias de comunicação que vão permitir um alargamento de canais de informação temáticos que seriam totalmente inviáveis com as tecnologias tradicionais. Uma associação pequena como a nossa tem de saber aproveitar estas novas vias de intervenção para reforçar a sua presença na opinião pública em defesa da Química e dos químicos.

– O Presidente da SPQ é sobrinho do falecido Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, figura de grande prestígio cívico e intelectual. De que forma esse facto influenciou a sua formação intelectual?

A minha adolescência coincidiu com o período de exílio que foi imposto ao meu tio pelo que a sua presença tutelar na família se fez mais ao nível da focagem familiar neste drama que o regime político de então criou e sobre o qual impôs um silêncio público quase total. Foi uma época de grandes opções pessoais em que ninguém pôde ficar neutro, uma experiência difícil de compreender hoje, quando as ideologias e as necessidades de compromissos ideológicos pessoais parecem ultrapassadas. Diferente foi o contacto que pude ter com ele depois do seu regresso ao Porto em 1969. Da sua intervenção pública antes e depois de Abril de 1974, da convivência em ambiente familiar agora já distendido ficam recordações e marcas difíceis de avaliar. A sua capacidade de memória e de inteligência não têm, na minha avaliação, comparação mesmo aproximativa com qualquer outra pessoa com quem tenha contactado ao longo da minha vida. A sua inflexibilidade nos princípios e a sua aceitação e compreensão das limitações e fraquezas humanas marcam necessariamente a personalidade de quem pôde com isso conviver com certa proximidade.

– Será que recorda qual a primeira experiência química relevante para a sua carreira?

O meu primeiro contacto real com o mundo da Química experimental foi originado por um estojo de experiências que recebi pelos meus treze ou catorze anos. Lembro-me ainda de alguns pequenos acidentes dessa aprendizagem: Um funil de alumínio de cozinha deu um excelente instrumento para a manipulação de uma solução de sulfato de cobre para electrólise, mas mostrou uma reactividade insuspeita. Esta pequena constatação tornou a Química muito mais popular comigo do que com a cozinheira... A formação liceal era nesse tempo bastante sólida na Física (ainda que um pouco “démodé”) mas muito pouco motivadora na Química. Nos laboratórios do meu liceu de Alexandre Herculano (Porto) cumpria-se um programa experimental que, sem ser motivador da imaginação individual, permitia um primeiro contacto com a actividade experimental. Ao entrar na Faculdade de Ciências em 1964 vim encontrar uma universidade portuguesa que dava os primeiros passos de consolidação e de modernização pela abertura internacional. Como formação universitária, a complementaridade entre o rigor, a exigência e a rigidez da Faculdade de Ciências e a liberdade de iniciativa e de busca pessoal que a Faculdade de Engenharia cultivava tiveram um papel crucial na sólida e flexível formação de sucessivas gerações de Engenheiros Químicos. Davam um razoável equilíbrio entre o saber aprofundado e as competências transversais de que hoje tanto se fala mas que tão pouco se pratica entre nós.

– Porque razão foi efectuar o seu doutoramento em Oxford, num período em que (por exemplo em Lisboa) se iniciava um movimento tendente a proporcionar doutoramentos realizados em Portugal?

No Porto não havia na altura condições mínimas para fazer trabalho sério e o Prof. João Cabral teve o enorme mérito (difícil de compreender na nossa cultura de replicação interna de hoje) de convidar para a docência os alunos que lhe pareciam mais promissores e de

lhes sugerir áreas de especialização diversificadas em locais diversos. A Inglaterra era na altura a Meca dos químicos portugueses e Oxford surgiu como local de eleição pela boa escola de Química Teórica do Prof. Charles Coulson. Como o Prof. Alberto Amaral tinha regressado recentemente de um doutoramento em Química Teórica em Cambridge, Oxford parecia o complemento óbvio. Devo confessar que a escolha não foi tão linear e tinha ao mesmo tempo concorrido a bolsas de universidades americanas usando o programa Fulbright e sido aceite em três locais para outras áreas de especialização. A opção pela Química Teórica, fixada pela leitura (difícil, apesar da tranquilidade de um Agosto quente no Douro) do clássico de 1946, Quantum Chemistry de Eyring, Walter & Kimball, ditou a escolha do destino. Não havia na altura escola de Química Teórica em Portugal, pelo que a hipótese então muito improvável de ser considerado um local de doutoramento em Portugal não se podia pôr. O meu colega de curso António Varandas foi pela mesma altura para Sussex. Oxford foi para mim um choque cultural muito valioso. Estávamos em 1972, vivíamos o cansaço de mais de dez anos de guerras em África, um crescimento económico acelerado mas muito dependente do esforço de guerra e que não conseguia sustentar os traumatismos de uma emigração maciça para os países do Mercado Comum Europeu e espreitava já o primeiro choque petrolífero, uma combinação que se mostraria determinante para o futuro próximo do nosso país. As nossas universidades davam os primeiros passos na adopção de padrões internacionais permitidos pelas reformas de Veiga Simão e induzidas pela expansão da década anterior.